

# AULÃO DE OBEDIÊNCIA

-Transcrição-

*Samia Marsili*

Muitas coisas me levaram a estudar mais sobre educação. E eu estou aqui para compilar um pouco tudo o que eu sei sobre obediência. Tudo não vai dar para falar, mas uma boa parte do que eu sei para falar sobre obediência com vocês.

Quando eu comecei a preparar a aula eu pensei: quais são as maiores dores das pessoas, a maiores queixas sobre a educação? Então: “O meu filho não me obedece”, “Será que eu não estou sendo muito autoritária?”, “Será que eu não estou sendo muito permissiva?”, “O que eu penso sobre a disciplina positiva?”, por exemplo; “Não aguento mais falar mil vezes todos os dias a mesma coisa, e o meu filho parece me ignorar”, “Eu estou cansada. No final das contas, eu acabo gritando com o meu filho, eu acabo batendo no meu filho. E acabo, depois, ficando cheia de remorso. E aí fico triste por isso”. Ou, então: “Aplico vários castigos. Deixo sem assistir televisão durante um tempo, videogame. E parece que o meu filho simplesmente nada funciona com ele”.

No momento, são essas queixas, e que a obediência acaba sendo uma grande dor na família, porque os pais gostariam que as crianças fossem obedientes. E quando um pai, uma mãe, vê uma criança obedecendo os seus pais, é uma coisa que chama bastante a atenção. “Caramba, que crianças obedientes”. Isso é um elogio grande, que as pessoas gostariam que os seus filhos fossem elogiados nesse ponto.

Eu queria falar alguns conceitos importantes para vocês.

O primeiro: o que é educar uma criança? O que é educação? Educação é ajudar a crescer. Ou seja, é nós, enquanto pais, ajudarmos os nossos filhos a crescerem nas suas qualidades, a melhorarem os seus defeitos, a desenvolverem as suas potências. A gente pode dividir essas potências em física, inteligência e a vontade.

A educação física é o que a gente faz: coloca no judô, coloca na natação; ajuda a criança a sentar, a rolar, a estimular ela a andar. Isso é um processo importante a ser feito, com certeza. Mas não é só ele. Educar uma criança não é só colocar a criança em atividade.

Outro ponto é a inteligência. Como é que a gente educa a inteligência? A gente estimula a cognição de várias maneiras: estimula colocando em uma boa escola, estimula através da memorização de poesia, através de boas leituras, através de jogos; através de uma série de coisas. Isso é uma outra maneira, um outro aspecto que a gente precisa desenvolver nas crianças.

E o outro é a educação da vontade. Essa parte, normalmente, a gente esquece. A gente coloca as crianças numa boa escola, coloca as crianças para fazer várias atividades, e acaba esquecendo da educação da vontade, que é um ponto importante, e que a gente vai falar bastante sobre isso agora.

Duas coisas a gente precisa fazer para educar o nosso filho. Primeiro, a gente tem que conhecer o nosso filho. Não é possível a gente educar alguém, se eu falei com vocês que a educação é desenvolver as nossas qualidades, melhorar os nossos defeitos e tudo, não é possível que a gente consiga educar os nossos filhos sem conhece-los. Então, a gente precisa conhecer os nossos filhos: conhecer como ele age às coisas, como ele reage, conhecer o temperamento dele, para a gente conseguir saber sobre o que a gente está trabalhando.

E, além disso, além de conhecer, a gente precisa exercer autoridade. A gente precisa conseguir exercer a autoridade para que ele nos obedeça e consiga, de fato, ser orientado por nós, ser guiado por nós, se deixa ajudar a crescer. Então, a autoridade, o que é? Primeiro que a

autoridade é um direito e um dever dos pais. Então, a gente tem o direito de exercer a autoridade sobre os nossos filhos, e temos, além disso, o dever de exercer essa autoridade.

A autoridade é justamente o poder que a gente tem de ordenar essa criança, e de fazê-la obedecer. Precisamos estar conscientes desse papel, e da importância que a gente tem no desenvolvimento da obediência através do exercício da nossa autoridade. A gente tem que estar consciente disso. Todo momento que a gente está agindo com os nossos filhos, a gente precisa agir imbuído dessa autoridade, é preciso mostrar para eles essa autoridade, para que eles consigam nos obedecer.

E como que uma criança percebe a nossa autoridade? Quando a gente consegue mostrar para ela segurança, quando a gente consegue mostrar para ela orientação; então, quando a gente diz para ela o que é o certo e o errado, o que ela precisa ou não fazer; quando a gente mostra para ela o cuidado que a gente tem com ela, o carinho que a gente tem com ela; quando a gente ordena a criança afetivamente; quando a gente tem a capacidade de ensinar a ela habilidades; quando a gente consegue estimulá-la; quando a gente não perde a cabeça, e ela não consegue olhar para a gente e falar: “Bem, se essa pessoa, que é a pessoa que precisa me ensinar as coisas e me ajudar a crescer está no mesmo patamar que eu, então ela, na verdade, não é uma autoridade”.

No momento que a gente se descabelá, que a gente começa a gritar, e que a gente perde as estribeiras com a criança, naturalmente ela já olha e fala: “Bem, essa pessoa não é uma autoridade, que ela está completamente descontrolada”. A gente precisa conseguir mostrar para a criança que nós somos alguém que vale a pena ser ouvido, alguém que ela pode confiar a própria vida para que ela se desenvolva.

Uma pergunta que as pessoas sempre fazem é: “Eu sou autoridade. Tudo bem. Mas eu posso ser amigo dos meus filhos?”. De fato, a gente pode, e deve ser amigo dos nossos filhos. A gente deve ser uma pessoa aberta para eles, para que eles possam contar as dificuldades, possam contar conosco quando eles precisem. Só que, ao mesmo tempo, eles precisam entender que há um abismo entre a gente e eles.

Então, apesar de eu ser amiga, de eu ser carinhosa, de eu ser cuidadosa, de eu estar preocupada, eu não estou no mesmo patamar que ele. Há um abismo que nos diferencia, eu e o meu filho. E isso é muito importante. Isso não é algo que nos distancia. Pelo contrário. É algo que traz para ele bastante segurança e orientação, porque ele sabe que ali ele vai encontrar o caminho seguro, e não simplesmente um amigão, mas que na hora da dificuldade não pode contar.

Quando a gente age dessa maneira, as crianças intuitivamente reconhecem essa autoridade, e tendem a obedecer sem violência, sem grito e sem castigo.

O princípio da obediência é importante: está dentro da criança, esperando ser exercitado. O senso de justiça que a criança nasce com ele, leva a criança a obedecer. O problema é que a gente afasta a criança desse senso de justiça. Qualquer ser humano que existe sabe, por exemplo, que roubar e matar é um erro. Então, ela tem, dentro dela, algumas leis que ela sabe que precisa obedecer, alguns sentidos que ela sabe que precisa obedecer. E, na hora que a gente é propositivo, fazendo com que a criança de fato obedeça a essas coisas que vem dentro dela, isso ajuda ela a entender que, de fato, precisa obedecer determinadas leis, e não o seu impulso.

Por exemplo, eu vou tentar ser um pouco mais clara. Quando o meu filho sabe que é errado jogar alguma coisa em alguém. Em geral, as crianças, mesmo pequenas, sabem que é um erro. O que elas fazem? Elas olham para a gente para poder ver se a gente aprova ou não, e acabam jogando. O que acontece, muitas vezes? Os pais simplesmente ignoram aquilo, não olham para a criança, fingem que não estão olhando. E daí a criança vai lá, joga. E aí o que ela entende com aquela informação? "Eu posso fazer uma coisa contra a minha própria consciência".

Isso é um aprendizado que ela tem. O que a gente tem que conseguir fazer é evitar que ela tenha aprendizados, digamos, contra coisas que são inatas a ela. Então, a gente mesmo abafa esse senso de justiça, e esse princípio de obediência que vem nela, justamente por erros que a gente comete, que eu vou explicar aqui para vocês.

Obedecer para a criança, é um hábito. Mais do que isso: é um dever. A criança precisa obedecer aos seus pais. Ela tem o dever de obedecê-los. E não só a criança, porque, quando um adulto cresce, a gente também precisa obedecer. Não podemos fazer as coisas da nossa cabeça, porque se fazemos, a gente não está obedecendo o nosso próprio funcionamento, a nossa própria maneira de fazer as coisas. E, se eu não obedeco a minha melhor forma de fazer as coisas, eu acabo não me desenvolvendo, não amadurecendo, e não conseguindo servir a sociedade como devo.

As pessoas não podem agir da maneira como elas queiram. Na verdade, elas até podem, mas elas estarão indo contra si mesmas, e não vão conseguir desenvolver o máximo que elas poderiam. De maneira simples e grosseira, o que seria esse desenvolvimento, então? Desenvolvermos, por exemplo, virtudes: sermos pessoas generosas, sermos pessoas pontuais, que trabalham bem, laboriosas. Isso tudo é um bom funcionamento do ser humano. Se a gente não funciona assim, seremos pessoas que mais atrapalham do que ajudam; não só nós próprias, mas como as pessoas que estão ao redor.

Precisamos conseguir negar as nossas más inclinações, porque é muito mais cômodo para eu não trabalhar, ficar assistindo televisão, ficar no Instagram. Mas se eu ajo dessa maneira, só fazendo o que eu gosto, eu não consigo me desenvolver, desenvolver virtudes que permitam que eu, de fato, desenvolva a minha personalidade, e ajude as pessoas que estão ao redor. Aprender um ofício, por exemplo. Aprender um ofício é trabalhoso. Para eu poder servir a sociedade, se eu não tenho virtudes e não consegui aprender coisas para exercer esse ofício, a gente não consegue ajudar as pessoas que estão ao nosso redor, e se frustra enquanto ser humano, de fato.

Para isso, a gente precisa compreender antropologicamente o alvo da nossa autoridade. O alvo da nossa autoridade é o nosso filho. E é importante sabermos como ele funciona. Mas, para sabermos isto, é muito simples: é só olharmos para como a gente funciona. Desejamos fazer muitas coisas boas, que a gente não consegue fazer. Então, se cada um parar para pensar, vai conseguir ver: "Poxa, realmente. Eu tento fazer muitas coisas e eu não consigo fazê-las". Muitas vezes, eu não consigo fazer por falta de virtude. E, outras vezes, eu até tenho a virtude, mas mesmo assim parece que há algo que me puxa para baixo, que não me deixa ser totalmente constante. Me falta, muitas vezes, a constância, me falta a pontualidade, eu tenho preguiça. E, por isso, eu não consigo fazer.

Se não tivermos nada que nos puxe para cima, que seja a família, que seja o trabalho, que seja a religião, que seja um amigo, que seja algo que nos passa a tirar o melhor de nós mesmos, a gente acaba sendo levado pela lei do menor esforço. E a gente funciona como uma

escada rolante, só que ao contrário; que se a gente não tiver subindo ao contrário, ela vai nos puxando para baixo.

É muito importante que a gente entenda isso, porque na hora que a gente olha os nossos filhos, precisamos ver que, apesar de conseguirmos ver o bem com mais clareza: “Eu quero passar no vestibular, eu quero ter uma boa família, eu quero estar bem casada, eu quero educar bem os meus filhos”, e mesmo assim não sucedemos, imagina uma criança pequena. Ela também tem muitas coisas que ela gostaria de fazer, gostaria de obedecer, gostaria de melhorar, e não consegue.

“Eu preciso falar com o meu filho várias vezes, e ele não me obedece”, pensa em você mesmo. Quantas vezes o seu marido, a sua mãe, a sua irmã precisam falar coisas para você para que você melhore, e você não consegue melhorar? São muitas. Então, quando a gente vê que essa é uma realidade humana, que nós, seres humanos, somos assim, a gente tende a ser mais compreensivo com a criança; a gente consegue, muitas vezes, ver o esforço da criança em fazer. Mas ela tem muito menos recursos para fazer aquilo do que nós.

O que acontece? A gente tem uma visão mais clara do que é o bem. A criança não tem essa visão. Simplesmente, o que ela consegue alcançar não é um bem que ela vai ver lá na frente. O que ela consegue alcançar é a confiança que ela tem em nós, pais. Nós somos o reflexo da verdade para ela, o reflexo do bem, da beleza e da verdade.

Então, se ela vê em nós uma aprovação do que está fazendo, ela entende que aquilo, de fato, é um bem, que aquilo é para ser feito. Ela não consegue transcender. Por isso que é absurdo a gente exigir de uma criança pequena que ela tome decisões, porque ela não tem as faculdades dela plenamente funcionando para ela poder tomar essas decisões.

Além dela ver em nós confiança de que nós seremos as pessoas que iremos guiar ela a esse bem, a essa beleza e a essa verdade (é óbvio que ela não vê assim, mas é assim que funciona), ela olha para a gente, e ela confia na gente; ela confia que a gente vai dizer para ela qual é o melhor caminho. Então, além de olhar assim, ela tem esperança em nós.

O que acontece? Em nós, a gente tem o desejo de ser feliz, e a gente tem a intensão de ser feliz. Só que muitas vezes a gente erra o alvo. A gente escolhe coisas que não nos levam para o caminho da felicidade. A criança tem esperança em nós. Ela olha em nós pessoas que são capazes de levar ela para o melhor caminho, pessoas que são capazes de ajudar ela a acertar o alvo.

Então, a gente precisa ter isso na nossa cabeça. Temos esse papel na vida dos nossos filhos. Eles confiam em nós, e além disso eles esperam em nós, que a gente vá conseguir guiar. Por que que muitas vezes a gente erra o alvo? Porque a vida nos confunde. Ela nos apresenta algo que, aparentemente é bom, e não é tão bom assim, como, por exemplo, assistir televisão o dia inteiro. Parece ser bom, né? Eu me sinto bem assim, eu me descanso, é divertido. Mas ficar vendo televisão o dia inteiro não é bom. Não é bom porque me impede de fazer várias outras coisas que são importantes.

A criança vai se confundir. Ela quer continuar brincando, mas na verdade ela precisa dormir. Ela tem noção de que ela precisa dormir, para poder liberar melatonina, para liberar hormônio de crescimento, porque se ela não dormir agora ela vai acordar no dia seguinte com sono, e não vai conseguir ir para a escola, e ela vai atrapalhar a intimidade dos pais? Ela não tem toda essa visão na cabeça dela.

Então, o que ela vai ver? Ela vê: “Eu queria ficar mais tempo brincando”, “Eu queria ficar mais tempo vendo televisão”, “Querida estar aqui com os meus pais, e não quero dormir”. É isso que ela consegue ver. Isso, ela vê o bem, mas ela vê errado. Ela erra o alvo. Ela deseja o melhor para ela, porque isso é um princípio humano. A gente deseja o melhor para nós, só que ela não consegue identificar isso. Ela não consegue avaliar que o melhor para ela é ir dormir agora, e não continuar brincando e assistindo televisão.

Ela espera que a gente seja essa pessoa que vai ter autoridade sobre ela, e vai fazer com que ela obedeça, para o bem dela. A gente vai ser essa pessoa que vai educá-la, falar: “Olha, esse não é o melhor caminho para o seu desenvolvimento. Você não vai fazer isso agora. Você vai fazer outra coisa”.

Os pequeninhos aprendem tudo apenas pelos sentidos. Então, eles aprendem tudo pelos sentidos, e além disso, devolvem essa resposta totalmente errada. O que ela sente? Ela sente sono, ela sente fome, ela sente sede, por exemplo. E qual é a resposta da criança? O choro. Independente do que aconteça, a resposta é choro. Então, a gente precisa entender isso, que o input dela é um sentimento, e ela não consegue responder isso de forma normal: “Eu estou com sono, eu durmo”.

A gente sempre brinca disso. Eu não sei se vocês já ouviram falar isso: “É bem tranquilo, meu filho. Se você está com sono, fecha o olho e dorme”. Para gente é uma coisa muito simples, embora, obviamente, que na vida adulta várias vezes a gente está com sono, a gente não pode dormir. Mas se a gente está na CNTP a gente simplesmente fecha o olho e dorme. Uma criança não é assim.

Além do senso comum dela estar ruim, ela pega os sentidos e não consegue responder bem, a razão dela também não está funcionando bem. Ela não consegue calcular direito. Ela calcula errado; ela está com vontade de fazer xixi e ela não consegue entender que se ela demorar mais um pouquinho, ela vai acabar fazendo xixi na roupa. Um adulto não faz isso, porque a razão dele já está razoavelmente (já é para estar) formada. Então, simplesmente a criança não consegue.

A criança não consegue entender que se ela for com um copo com água até aqui ela vai andando e a água vai caindo no chão, porque a razão dela não está funcionando. Então, se um adulto não consegue identificar essas coisas e entender que a criança vai ter uma resposta errática a todas essas coisas porque ela está em desenvolvimento, o que vai acontecer? Vai ser totalmente desastroso.

Para um pai atento é totalmente desastroso. O pai vai brigar com a criança de forma absurda; vai achar que a criança está fazendo aquilo para o mal dela; para desafiar os pais; porque ela está querendo ser assim; porque ela está querendo ser assado. E não é isso. muitas vezes, ela está simplesmente sendo criança, simplesmente desenvolvendo as suas capacidades, as suas habilidades para que ela consiga agir no mundo.

Então, cabe a nós orientar esses passos, essas descobertas, e orientar o sono. Então, a gente tem que identificar que ela está com sono, e ajudar que ela durma. A gente tem que identificar que ela está com fome, e que ela coma. A gente tem que identificar que ela está com sede, que ela beba. O problema é que a gente tende a ter uma educação totalmente reativa.

A gente olha para a criança como um adulto pequeno. Então, a gente olha para a criança como um adulto pequeno e espera que ela tenha todas as reações de um adulto. E isso não vai

acontecer. E quando a criança não tem a reação de um adulto, o que acontece? A gente ficar irritado com a criança, a gente fica frustrado, a gente acha que a criança está agindo conosco para que a gente fique nervoso, para que a gente fique irritado, porque, no fim das contas, ela já sabe. Ela não sabe. A gente precisa ter esses fundamentos antropológicos na nossa cabeça para a gente não se irritar à toa, e a gente saber agir com a criança de forma razoável.

Um outro ponto importante é que o grande desafio, a gente falava: a gente tem que educar a parte física, a gente tem que educar a inteligência, e a grande coisa da educação é a gente conseguir educar a vontade. A gente precisa conseguir que os nossos filhos apreciem o que é bom, o que é belo, e o que é verdadeiro. A gente precisa conseguir que eles enxerguem isso com clareza. E a gente precisa conseguir que eles enxerguem e tenham força interior para conseguir atingir aquele bem que é árduo. Então, essa é a grande coisa da educação.

Se a gente consegue que uma criança olhe uma coisa que é boa, ou então uma coisa que é má, e ela queira o bem, e ela evite o mal por ela própria, a gente está num bom caminho. A gente não vai estar do lado dos nossos filhos todo o tempo: “Faça isso, não faça aquilo”. A gente não pode ser essa bengala dos nossos filhos. A gente vai ser essa bengala por um tempo, mas essa bengala já tem que ser uma bengala orientadora. Não pode ser simplesmente alguém que, toda hora: “E aí mãe, o que eu faço?”. Não pode ser assim.

A gente tem que estar ali momentaneamente esperando que a criança adquira as próprias capacidades para decidir sozinha. Se, por exemplo, a gente deixa o nosso filho na hora de estudar, demorar o tempo que ele quiser, fazer de qualquer maneira, deixar ele estudando de qualquer maneira um grande tempo, sem ter um tempo para ele estudar, o que acontece? Ele desenvolve o ato da esculhambação; o hábito de simplesmente fazer as coisas de qualquer maneira.

E isso é um grande erro. As pessoas falam: “Fulaninho, João, vai estudar!”. E aí: “Você só sai desse quarto quando você estudar”. Ai fecha a porta e deixa o Joãozinho lá a tarde inteira. O Joãozinho está criando o hábito da esculhambação, de fazer as coisas de qualquer maneira, sem um tempo determinado. Você não está ajudando o seu filho a se desenvolver. Você espera dele uma resposta que você não disse para ele como ele precisa fazer, como ele faz de forma diferente.

“Ah, mas ele já sabe. Ele sabe que ele tem que estudar”. Não adianta você falar. Você tem que ajudar o seu filho a desenvolver o hábito do bom estudo. Então, isso é uma coisa muito importante, que a gente vai falar sobre isso de forma prática daqui a pouquinho.

Como a gente fazer com que os nossos filhos queiram o bem? Se essa grande coisa, como é que eu vou fazer que o meu filho queira o bem? A vontade é justamente essa capacidade humana que governa o nosso comportamento, e faz com que a gente escolha o bem, e não o mal; a gente escolha entre o bem e o mal.

Então, se a gente tem a vontade forte, uma vontade bem formada, a gente vai conseguir ver o bem, e escolher o bem; vai conseguir ver o mal, e evitar o mal. Nem sempre isso é fácil. Como eu falava, por exemplo, a gente pode errar o alvo; a gente pode estar assistindo uma série de televisão, está super legal ali, e a gente começa a achar que aquilo é um bem, que a gente começa a inventar um monte de coisa na nossa cabeça. E a louça que a gente tinha que lavar, a coisa que a gente tinha que estudar, o trabalho que a gente tinha que entregar, a gente não faz. Então, a gente não teve uma vontade forte. A gente conseguiu ver que o bem era a outra coisa, e a gente não conseguiu executar aquela coisa, a gente não teve uma vontade forte.

Como as crianças são pequenas, como eu falei, as faculdades humanas delas estão todas em formação, a vontade dela também está em formação. Nós precisamos ser essa vontade auxiliar para os nossos filhos. Pensando numa plantinha que você acabou de plantar, os nossos filhos pequenos que acabaram de nascer: aquela plantinha pequena a gente precisa colocar uma estaca do lado para que ela, a plantinha, cresça voltada para a luz – firme e voltada para a luz – até que ela crie as raízes, e a estaca pode ser retirada e ela continuar crescendo para cima. Nós funcionamos como essa estaca. A gente é essa vontade auxiliar dos nossos filhos, a princípio.

A gente precisa ser, de fato, essa vontade auxiliar, essa estacazinha que fica do lado dos nossos filhos enquanto eles são pequenos, para que eles vão, aos poucos, criando as suas raízes, ou seja, a sua própria vontade, e, depois, eles possam escolher entre o bem e o mal. Isso é um ponto importante que a gente precisa ter na cabeça: a vontade dos nossos filhos está em formação. A gente é vontade auxiliar para eles, enquanto eles estão em formação.

Outro ponto importante: a grande fortaleza de uma mãe está no desenvolvimento do hábito da obediência. Se a gente exige que os nossos filhos obedeçam sempre e imediatamente, essa obediência vai acabar acontecendo de forma natural, como eu falava lá no início da aula. Tem coisas que estão dentro da criança. Ela está predisposta a obedecer a você. O que a gente não pode é frustrar esse princípio interno.

Então, se, desde pequeninha, ela já tem esse princípio interno, e você reforça esse princípio interno, exigindo que ela te obedeça sempre e imediatamente, isso vai sempre acontecer de forma natural para ela. O que acontece é que a gente permite a desobediência, e abre-se uma possibilidade na cabeça da criança, e ela vê que é possível não te obedecer.

Se é possível não te obedecer, a luta vai começar, porque ela vai começar a te obedecer na hora que ela queira. E não pode ser assim. Ela precisa te obedecer sempre.

“Ah, Samia, mas isso é autoritarismo?”. Não é autoritarismo, porque eu não quero que ela me obedeça simplesmente para me satisfazer. A matéria da obediência tem que ser educativa. A gente vai falar sobre isso. Ela não simplesmente tem que obedecer por obedecer: “Aqui, nessa casa, as pessoas fazem o que eu mando”. Não dá para ser assim. Ela não pode obedecer porque sim, e nem obedecer porque está com medo de você. Ela precisa obedecer porque ela vê que você está querendo fazer aquilo para educá-la. E a criança consegue perceber isso de acordo com a forma como eu faço isso, se eu sou de fato, para ela, uma autoridade.

O que acontece muitas vezes é que as pessoas não estão imbuídas dessa autoridade, sendo os pais ou não; não são algo que a criança olhe e ela veja autoridade, porque não tem essas coisas que a gente falou antes: não demonstram segurança, não dizem o certo e o errado, não são carinhosas, não são cuidadosas, não são capazes de mostrar alguma criança que tem uma habilidade que ela precisa aprender de mim. A criança não vê esse abismo que existe. Não um abismo no sentido de: “Meu Deus, a criança é muito menor do que eu”. Ela, de fato, é muito menor do que você; não só fisicamente, quanto intelectualmente, enquanto ser humano.

E isso é importante. Ela precisa olhar para você e ver alguém que ela quer ser como. Então, quanto melhor eu sou, quanto mais habilidades eu tenho, quanto mais inteligente eu sou, quanto mais habilidades físicas eu tenho, quanto mais vontade forte eu tenho, mais a criança vai ser capaz de olhar para mim e falar: “Caramba! Eu quero ser como ela”.

Aí você fala: “Ah, o meu filho é assim comigo enquanto ele é pequenininho”. De fato. Isso acontece enquanto as crianças são pequenas; elas querem ser como os pais. Elas olham os



pais e falam: “Meu Deus do céu. Meu pai é um herói. Minha mãe é uma princesa, uma heroína. E eu quero ser como ela”. Isso é bom, e é para ser assim.

Quando a criança chega por volta dos 12 anos, ela vai descolar dos pais. Isso vai deixar de existir. E daí vem a importância de outras pessoas no círculo social da criança, para que ela descole dos pais e se volte a alguém que tenha essa autoridade. E essa autoridade seja real, e que, de fato, continue o que você fez com ela quando ela era pequena, que é guiar a ela, para que ela desenvolva suas capacidades, melhore as suas qualidades, melhore os seus defeitos; que desenvolva o seu temperamento.

Então, o círculo social que nos é próximo é muito importante nesse momento. O que acontece muitas vezes e que eu vejo muitas pessoas falando é justamente isso: “Mas eu ensino uma coisa em casa, ela chega na escola, ela chega no clube, ela chega no parquinho e ela vê coisas totalmente diferentes”. Muitas vezes isso é um problema, enquanto as crianças são muito pequenininhas. Se você está exercendo bem essa autoridade, ela consegue reconhecer que você é autoridade, e você, preenchendo bem as lacunas que ela tem no desenvolvimento dela, o negócio vai ficar ok. Você vai conseguir que ela se desenvolva dentro das coisas que você espera.

Porém, isso vai passar um momento. E é como eu falei: ela vai descolar disso, e ela vai precisar de um outro alvo que ela vai olhar, e que precisa ser uma nova autoridade. Então, ter esse ambiente ao redor dela para que ela tenha um bom novo foco, é importante que os pais consigam orientar. Uma boa escola, uma escola que seja, de fato, confiável, com bons professores; um bom círculo social de amizade e tudo, para que você tenha essa nova pessoa fazendo esse novo papel, e que vá ajudar de fato a criança.

Voltando na importância do hábito da obediência para que a mãe se mantenha a mãe. Se as crianças descobrem que, então, elas podem desobedecer, o negócio ficou complicado.

Vou dar um exemplo para vocês: grandes problemas no casamento acontecem com os nossos hábitos que a gente vem de família. Dando um exemplo, eu tenho o hábito de tomar banho pela manhã. O meu marido tem o hábito de tomar banho a noite, por exemplo. E são coisas que a gente traz de família. São coisas que a gente não consegue. A gente não consegue sair de casa sem tomar banho. A gente não consegue deitar se a gente não tomar banho. Esses foram hábitos que foram incutidos em nós, e que praticamente a gente não consegue fazer diferente.

Se a gente precisa deitar na cama sem, de fato, estar de banho tomado, a gente fica meio nervoso. Quase a gente não consegue dormir. Esse é um hábito que de fato foi formado.

Quando a gente está apresentando um hábito que a criança está ali sendo formada, e, por exemplo, no caso do casamento, vem alguém e, por acaso, começa a atrapalhar que esse hábito se desenvolva, a pessoa fica de fato confusa. E criam-se verdadeiros estresses por conta disso.

Então, por exemplo, imagina a cena: estão as crianças lá, praticamente na hora de dormir. Toca a campainha, e aí a mãe fala: “Olha, Fulanos, vocês vão para a cama, e eu não quero mais ninguém aqui, porque fulaninho chegou”. E aí as crianças falam: “Ah, mãe, deixa a gente ficar aqui. A gente vai ficar quietinho. A gente não vai fazer nada não. A gente jura que não vai falar nada”. E aí a mãe, o que faz? Cede. E ela fala: “Tudo bem. Vocês podem ficar”.

O que acontece? Duas coisas. Óbvio que as crianças vão falar, vamos já começar por aí. E aí a criança vai falar, e a criança, o que vai fazer? Já perdeu sua autoridade, porque ela já

tinha mandado as crianças irem para a cama. As crianças não foram. As crianças, então, ficaram lá, e não ficaram em silêncio. Elas disseram que iam ficar em silêncio, a mãe disse que ok, que elas iam ficar lá, e que elas iam ficar em silêncio, e não ficaram.

Então, tudo aconteceu de errado. A mãe mandou elas fazerem uma coisa. Elas escolheram outra. Prometeram uma coisa, e a coisa não aconteceu, e a mãe deixou que elas ficassem ali fora do silêncio. Então, no fim, quem escolheu o que ia fazer era a criança. E ela escolheu mal, porque ali era a hora dela dormir. Não é a hora dela atrapalhar os adultos, não é a hora dela estar acordada. Uma série de questões.

A mesma coisa se a gente chega para o nosso filho e fala: “Fulaninho, vai dormir”. E a criança fala: “Rapidinho, que eu estou aqui acabando um negocinho!”. E aí, o que acontece? A criança não vai. A mãe fala: “Tudo bem. Acaba aí o negocinho”. A mãe deu uma ordem. Essa ordem não foi cumprida. Aí você fala: “Nossa. Mas não dá para ser um negócio assim tão preto no branco: falou aconteceu”. Precisa ser assim.

Se você não está certa de que a criança vá obedecer naquele momento, não fale. Se você sabe que a vó vai chegar naquela hora, que vai ficar aquela confusão, não é a hora de você falar: “Vá para a cama”. Porque obviamente a avó vai chegar, ela vai querer ficar com a avó, e não sei o que. E você vai acabar deixando. E você ia ter falado: “Vai para a cama”. E ela não foi para a cama. Então, ela aprendeu ali que você vai dar uma orientação, e ela não precisa cumprir essa orientação que você deu.

Parece uma coisa simples. Mas são nessas pequenas coisas que a criança consegue entender: “Bem, minha mãe pede, e nem sempre eu preciso fazer”. Não pode ser assim. A obediência tem que ser constante, imediata, e precisa ser uma obediência alegre.

Então, a criança precisa sim obedecer com um sorriso no rosto.

“Nossa, meu Deus. Mas o meu filho está P da vida”. Não tem problema não. Eu tenho uma amiga que o filho não quer fazer não sei o que, e ela fala: “Joaquim, cadê o sorriso?”, com a criança de 1 aninho. A criança dá um sorriso e vai fazer. Ela está totalmente certa. A gente não pode deixar que os nossos filhos vão obedecer batendo o pé, batendo porta por aí, porque, se não, vai ser adolescente que bate pé, e bate porta. Não pode ser.

Se você deu uma orientação: “Vá e guarde seus brinquedos”, o que ele precisa fazer? “Vai, agora, e guarda os seus brinquedos agora”. Ele precisa guardar os brinquedos, e ele precisa fazer isso sem reclamar. Ele precisa fazer isso feliz, porque é o melhor para ele. Então, a gente precisa ajudar que as crianças consigam fazer obedecer dessa maneira, de forma imediata, alegre e constante.

À medida que a criança cresce, a gente consegue atribuir fala a essas coisas. Uma vez aconteceu na minha casa, que um dos meus filhos não estava querendo comer abóbora. E ele estava: “Ai, mãe. Eu vou vomitar com essa abóbora”, fazendo um mega show: “Ai, meu Deus do céu. Será que eu aguento?”. Eu falei: “Não tem problema não. Nessa casa aqui a gente come de tudo que dá no prato. A gente não precisa comer tudo, digo, a quantidade toda. A gente precisa comer de tudo. Então, se você não vai aguentar comer toda a comida que foi colocada no seu prato, não tem problema não. Mas você vai comer a abóbora que está aí, você vai comer a batata que está aí, você vai comer o arroz que está aí, e a carne que está aí. Não vale comer o arroz, feijão e a carne e falar: ‘Ai, mãe. Não aguento mais. A abóbora não entra mais’. Não dá. A gente vai comer de tudo que está no prato. E, se você não conseguir comer toda a quantidade

que está aí, não tem problema. A gente pode até conversar sobre isso. Mas de tudo que está no prato precisa comer”.

E aí ele ficou lá: “Ai, meu Deus do céu”, toda uma cena de que não ia conseguir, de que ia morrer. E aí, finalmente, eu, lá, do lado dele, consegui que ele comesse. Eu não obriguei ele a comer. Não coloquei abóbora (na goela dele). Eu falei: “A gente vai comer sim, porque a gente come de tudo que está no prato”.

Como ele tem o hábito da obediência, então ele olha em mim uma autoridade. Então, isso vai precisar ser feito, ele comeu a abóbora. Hoje em dia ele adora abóbora. Mas ele comeu a abóbora, e aí eu falei para ele, na hora: “Olha, meus parabéns, porque agora você está uma criança mais forte. Não mais forte porque você comeu a abóbora, e a abóbora te fez mais forte. Mas porque você conseguiu negar a si próprio; você conseguiu fazer uma coisa que você não queria. Então, agora, você, de fato, é uma pessoa mais forte”.

Quando a gente faz isso com os nossos filhos, o hábito do desenvolvimento da vontade está acontecendo. Eu já falei com vocês nos stories uma vez: se a gente consegue que a criança coma de tudo na hora que precisa comer, se a criança dorme na hora que tem que dormir sozinha, a gente está desenvolvendo a vontade dela, porque ela não está fazendo o que ela quer fazer, mas ela está fazendo o que ela precisa fazer. E isso vai ser o alicerce para ela conseguir desenvolver a vontade em outras coisas; em emprestar um brinquedo, em conseguir estudar na hora que ela não está querendo.

Uma criança pequenininha eu desenvolvo a vontade nessas coisas que são pequenas para ela. Eu não posso não fazer nada quando ela é pequena, e daí quando ela chegar lá na adolescência falar: “Então, agora vamos lá. Agora vamos desenvolver as virtudes”. A vontade dela está totalmente solta. Ela está fazendo o que ela quer, e tal. E, de repente, você chega lá e fala: “Ai, meu Deus, o meu filho não estuda. O meu filho não me obedece, o meu filho não me ajuda”. Justamente porque ele não teve isso desenvolvido desde que ele é pequeno.

Então, as crianças que são treinadas à obediência, elas são crianças que são confiadas a elas uma grande dose de liberdade. Isso é verdade. Então, se a gente consegue educar os nossos filhos no hábito da obediência, e eles são crianças obedientes, eles passam a conseguir ter uma vontade forte, a ver o certo e o errado; e a gente consegue confiar a eles uma liberdade muito maior.

Vou dar um exemplo para vocês que também aconteceu na minha casa. Aconteceu que uma vez eu cheguei na casa dos meus sogros, e meu sogro falou assim: “Samia, estou impressionado. Estou impressionado porque aconteceu uma coisa que me impressionou bastante”. Os meninos tinham passado lá um final de semana, estava chegando a hora do almoço. E o meu sogro falou: “Vamos comer um açaí?”. E aí os meninos falaram: “Não, vovô! A gente não pode comer açaí, porque está chegando a hora do almoço”. E aí o meu sogro falou: “Ah, só um pouquinho. Vamos comer um pouquinho”. Parecendo a serpente, né? “Vamos comer só um pouquinho de açaí”. E eles falaram: “Não vamos comer, vovô. A gente não pode comer açaí antes do almoço”.

Ele pegou o açaí (olha só a tentação), começou a comer o açaí, e os meninos não comeram o açaí. E ele falou: “Nossa, eu fiquei muito impressionado, porque eu passava a colher assim na frente deles (o meu sogro é desse tipo), e os meninos não comeram”. Ou seja, eu posso confiar aos meninos a responsabilidade, mesmo sendo muito pequenos, deles não fazerem alguma coisa contra o que a consciência deles manda.

Então, significa que o caminho está certo, a vontade está sendo formada. É óbvio que, se isso se mantivesse por muito tempo, se eles passassem o final de semana inteiro lá eles iam conseguir ver que o meu sogro era a autoridade, e eles iam acabar cedendo. Porque, no final das contas, eles são apenas crianças. Mas é impressionante, de fato, eles terem conseguido identificar o certo e o errado. E mesmo alguém que é uma pessoa importante para eles dizendo o contrário, mesmo assim eles se mantiveram firmes nisso.

Isso é uma coisa que eu falo: “Cara, o caminho é esse, de fato”. O caminho é conseguir que os nossos filhos tenham essa visão de que: “Esse é o certo, esse é o errado, e eu não vou fazer, porque é o que precisa ser feito”.

E como que se chega aí? O desenvolvimento dos hábitos, e aqui a gente vai falar sobre eles, os hábitos bem desenvolvidos, bem formados, sendo feitos sempre, fazem com que a criança quase não consiga fazer de outra maneira. É como se a gente estivesse colocando trilhos. É mais difícil para elas fazerem contra aquilo do que a favor daquilo. É óbvio que elas conseguem, porque nós somos seres humanos que têm vontade livre. Mas é mais fácil a gente se manter naquele trilho de um hábito bem formado, do que a gente sair dele.

Então, como eu falava: tomar banho antes de dormir. Se isso é um hábito que um adulto leva para o casamento, e ele continua fazendo isso, pode ser que ele faça isso para o resto da vida dele, até ele ter noventa anos, e ele não conseguir fazer de maneira diferente. Porque aquilo se transformou em um hábito. Aquilo é um trilho, que quase dificulta ele sair dali. Então, se a gente forma muitos bons hábitos nos nossos filhos, vai facilitando a vida deles. É um ótimo legado que a gente deixa, bons hábitos sendo formados.

Eles terem um hábito da obediência bem formado ajuda a que eles consigam obedecer a eles próprios, à sua própria consciência, ou a orientações de pessoas, ou de instituições que, para eles, são autoridades. E que eles vão ter uma vontade forte para que, de fato, consigam fazer assim.

A pergunta é: “Samia, tudo bem. Mas como é que eu vou fazer para que o meu filho me obedeça sempre?”. Vamos começar com uma criança pequena. Eu queria que vocês colocassem na cabeça de vocês uma coisa que é bem importante: a criança quer agradar aos pais. A criança bem pequenininha.

Você fala: “Ah, não. O meu filho tem dez anos e não quer me agradar não”. Calma, porque provavelmente porque a coisa já foi destruída. Destruída não quer dizer não tenha volta. Uma criança de um, dois aninhos, se você olhar para ela, ela quer agradar aos pais. O que ela mais quer é um sorriso seu, é um carinho seu, é um olhar de aprovação. É o que ela mais quer.

Se você pegar o pequenininho do Ângelo, ele quer olhar para você e abrir um sorriso de tipo: “Caramba. É maravilhoso estar aqui”, que é o máximo que ele pode fazer. Tudo que a criança quer é a sua aprovação. Ela deseja o seu amor loucamente. Ela quer que você se alegre com as condutas dela. Então, a gente precisa se utilizar disso para a educação.

Uma criança pequenininha não quer te desafiar, não quer o seu mal, e ela não quer te desesperar, que é o que as mães acham: “Ele quer me deixar louca! Ele está fazendo isso para me fazer mal”, quando a criança vai e joga coisa no chão.

Um dos meus filhos estava com menos de dois anos e resolveu fazer um bolo no tapete. Pegou farinha, pegou Nescau, pegou leite. E estava lá, fazendo um bolo. Olhou para mim como se nada tivesse acontecido. Ele estava querendo desafiar? Ele está querendo o meu mal? Ele

não quer isso. Ele está simplesmente: “Bem, pode ser que funcione fazer um bolo aqui”. É isso que a gente falava no início. Ele estava calculando. Ele estava vendo as possibilidades dele de ação no mundo.

O alvo dele não é você. O alvo dele é o aprendizado. Ele está querendo aprender. Ele está querendo saber como o mundo funciona. Quando ele pega um telefone e começa a bater com um telefone, não é que ele está querendo estragar o seu telefone. Ele não sabe que o telefone é utilizado para falar. Ele está simplesmente bem: “Telefone, mesa. Deve ser para a gente bater aqui”. Ele está, de fato, vendo como as coisas funciona.

Então, não adianta a gente se irritar: “Porque eu já disse”. Lembra daquele outro conceito: você já disse, e você terá que dizer várias vezes, porque, muitas vezes, ou ele não se lembra, ou, então, ele quer fazer diferente e não consegue. Ou, ele calcula mal. É uma outra circunstância. Para ele, ele acha que é diferente. Ele não está fazendo isso porque ele está querendo te desafiar. O alvo não é você. O alvo é o aprendizado. O que ele quer é a sua aprovação. Ele quer um sorriso, ele quer um abraço, ele quer um carinho de você, ou de uma plateia que fale: “Nossa! Que demais!”.

Só que muitas vezes é isso. É errado o que ele está fazendo. Então a gente precisa jogar com esse modo de funcionamento da criança pequena de querer agradar os pais a todo momento, utilizar isso a nosso favor. Quando a criança, por exemplo, faz alguma coisa boa, a gente, mais do que dizer qualquer coisa - Ou, na maioria das vezes o que acontece é que a gente não fala nada. Ela faz alguma coisa boa e a gente passa batido, porque ela não fez mais que a obrigação. Não pode ser assim. – quando a criança faz alguma coisa boa, a gente precisa reforçar aquela conduta positivamente.

A gente precisa olhar, a gente precisa dar um sorriso. A gente precisa abraçar a criança. A gente precisa dizer: “Nossa! Que demais você ter feito isso!”. Se a criança foi lá, a gente estava em família, ela pegou uma coisa, e colocou no lixo, você tem que falar para ela. Isso não pode passar despercebido. Você, enquanto mãe, tem que estar atenta a todo momento. Ela não está nem fazendo para que você veja. Na hora, você precisa reforçar aquele comportamento: “Meu filho! Nossa! Você está jogando algo no lixo! Nossa! Que legal! Você fez muito bem de jogar o negócio no lixo”. Aí você dá um abraço na criança, dá um sorriso. Quanto menor ela for, menos você deve falar, e mais você deve fazer.

O contrário também é verdadeiro. Se ela fez uma coisa ruim, não deixa passar batido. O que muitas vezes as mães fazem é: “Ai, eu prefiro nem olhar. Eu prefiro fingir que não estou olhando. Não é comigo”. Não pode fazer assim, porque aquilo que eu falei com vocês no início: você está reforçando que ela pode agir contra a própria consciência, porque ela sabe que aquilo é errado. A criança tem quase que um time pra saber o que é certo e o que é errado.

Então, você não pode reforçar esse comportamento errado. Você simplesmente tem que ir lá e fazer uma cara de: “Não está bem”, um olhar de severo, balançar a cabeça: “Não pode”. Quando é uma coisa negativa, tirar a criança da situação. Então, se ela está com um copo na mão, e ela está prestes a jogar o copo, não adianta você ficar lá da varanda: “Não! Não joga!”. Você tem que ir até ela: “Não pode jogar o copo no chão”. Olha para ela: “Não. Isso não”. A criança vai entender a sua expressão, que aquilo não é aprovado. E você vai pegar o copo e vai tirar da frente dela. Você não pode deixar ela com a tentação na mão, a arma na mão, e esperar que ela tenha uma ação diferente.

Uma vez o José quebrou o meu celular justamente por isso. Ele pegou o celular. E aí eu falei com ele de longe: “José! O celular!”. Já estava no chão. Porque celular é mão da criança, é chão. Eu não deveria ter feito isso. Eu deveria ter ido até ele, pegado o celular e falado: “Não se faz isso com celular. Celular não é feito para jogar no chão”. E, mais do que falar, olhar para ele, fazer “Não, não é no chão”, mostrar a mesa. Quanto menor a criança, mais você precisa lidar com essas expressões faciais e tal. Por quê? Porque a linguagem, para ela, ainda não significa o que significa para a gente. A criança não entende tudo que a gente fala.

É outra coisa que as pessoas acham: “O meu filho tem um ano e ele entende tudo”. Ele não entende tudo. Ele entende pequenos comandos. Ele não entende um raciocínio. Então, na hora que você está falando com ele, dando uma bronca, ele está vendo que você não está gostando e está ouvindo. Não está registrando as coisas que você está falando. Aquele não é o momento para que você dê uma orientação verbal. A criança precisa entender que aquilo não está bem.

Não adianta você também fazer por outro lado, que eu já vi muita gente fazer. Pega a criança, abraça e fala: “Meu filho, você não pode jogar o celular no chão. O celular é da mamãe. Foi tão caro ter comprado esse celular”. Entendeu? Você está falando uma coisa verbalmente, com a sua expressão corporal você está fazendo outra. E, além disso, você está dando uma explicação verbal nem alcança. Ela não sabe o que é dinheiro, ela não sabe o que é tempo. Ele não sabe nada disso. Então, é totalmente ineficaz.

A criança entende? Não. Bem, se você fizer um não dessa maneira, a criança também não vai entender nada. Mas é óbvio que até um cachorro, quando você faz assim (expressão severa), você é severo e tal, até o cachorro entende. Uma criança não entende. O negócio é que a gente precisa trabalhar isso de uma boa maneira.

Quando você age assim: “Isso está bem”, “Isso não está bem”, com a criança bem pequenininha, e aí você vai dizendo para ela o que ela pode, e o que ela não pode fazer, ela vai, desde pequenininha, conseguindo observar e avaliar: “Isso agrada a mamãe. Isso não agrada a mamãe. Isso a mamãe aprova, isso a mamãe desaprova. Então, apesar de eu querer jogar determinada coisa no chão, apesar de eu querer mexer no controle da televisão, apesar disso tudo, eu não o farei, porque isso desagradou a mamãe”.

Desde muito pequenininha, você já está desenvolvendo nela a habilidade de fazer coisas que ela não gostaria de fazer, ou, então, deixar de fazer coisas que ela gostaria de fazer. Você poderia perguntar: “Samia, mas não tem problema ela querer fazer as coisas só para me agradar? Porque, no final das contas, você disse que ela precisa querer o bem. Se ela está fazendo as coisas baseada em me agradar ou me desagradar, ela está se baseando completamente em mim, e não no bem em si”. Mas, se a gente lembrar lá atrás, nós somos a vontade auxiliar. E, além disso: somos, para eles, reflexos do bem, do belo e da verdade. Nós somos, para as crianças pequenas, um reflexo do que ela deve ou não fazer.

A medida que ela for crescendo, como eu falava antes, ela vai descolar de nós, e ela vai começar a olhar para o mundo externo, e ela vai conseguir ver: “Bem, isso é certo e isso é errado”. Só que a vontade em formada, a capacidade de negar-se a si própria para fazer o que é certo, isso já vai estar nela. Ela vai conseguir ver: “Bem, a minha mãe não é esse ser superior que tem o poder entre fazer o bem e o mal. Ela não é essa pessoa. Há outras coisas além disso. Mas isso existe, porque eu já vi esse reflexo quando eu era pequeno”.

Então, aqui já começa a grande desorientação na desobediência. Por quê? Eu já falei algumas coisas de desorientação, mas essa da criança pequena, de que ela quer nos agradar, de que ela quer fazer com que a gente aprove as suas ações, aqui, o senso de desorientação na criança já começa. Por quê? Porque os pais, a babá, a professora, a cuidadora, quem quer que seja que esteja olhando para a criança, não está olhando para a criança olhando de verdade. Está simplesmente tocando a vida, deixando a criança em alguma coisa que não dê trabalho a ela.

O que acontece com isso? A criança não tem essa figura estabilizadora, e essa figura em que ela vai achar ali esse reflexo do bem e do mal. Ela não tem essa figura. Então, ela é a própria autora do bem e do mal. Ela própria decide: “Isso deve ser bem, e isso deve ser mal”. Ela consegue olhar dentro dela que há coisas que estão bem e estão mal, só que ninguém reforça ou o bem, ou reforça que aquilo é ruim. Então, a criança perde essa orientação, ou porque as pessoas estão prestando atenção no celular, ou porque o retorno é de forma errática; a criança faz uma coisa boa e o pai não está nem aí; acha que é uma coisa ruim e aí vai lá e dá um chega para lá na criança; não está prestando atenção.

Vou dar um exemplo para vocês. A criança está lá no parquinho, e aí ela está lá com os amiguinhos, estão todas as crianças brincando. E aí tem lá uma espadinha que a criança quer brincar. E ela está a maior tempão esperando todas as crianças brincarem com a espadinha, até que chegue a vez dela. Na hora que chega a vez dela, deixaram a espadinha no chão, ela pega a espadinha, e aí vem um amiguinho e quer pegar a espada da mão dela. E aí começa aquela briga, e o pai ou a mãe que estava lá conversando com a amiga, estava conversando no celular, vê que cena? Do seu filho, e de outra criança disputando brinquedo. O que a mãe fala? “Empresta para o amigo. Você precisa emprestar para o amigo. Você não pode ser egoísta. Você está sendo egoísta”.

E aí a criança começa a fazer uma birra danada, porque ela já estava querendo aquele brinquedo há um tempão, e você não viu isso. E aí você só está ali querendo que ela seja “generosa” naquele momento, quando ela já tinha sido paciente há um tempão, esperando a vez dela. E aí você fica ridicularizando a criança, e tal: “Você não pode agir assim”. E aí o que a mãe fala? “Se você continuar assim, a gente vai embora do parquinho”. E aí o que acontece? A criança continua chorando, a mãe não quer ir embora do parquinho, porque ela está conversando com a amiga, não vai embora do parquinho, e a criança acaba de aprender duas lições: ela não tem a mãe dela como backup, ou seja, como alguém que ela pode sentir ali segurança. Ela estava querendo esperar a vez dela. Ela estava tentando acertar. Na hora que ela foi, tentou defender o que é dela, o que a mãe fez? Mandou ela ser generosa, começou a ridicularizar a criança: “Está vendo como você é? Você não empresta nada”. Começa a falar isso um monte, na frente das pessoas.

Em vez dela ter tido o reforço positivo da mãe, se tivesse um olhar atento: “Meu filho, caramba, como você esperou a sua vez! Poxa, parabéns”, isso não aconteceu. Só aconteceu dela ter esperado a vez, e, na hora dela querer pegar o brinquedo, a mãe começar a falar coisas ruins, erráticas para ela. E, além disso, uma outra coisa. A mãe disse que ia subir, e não subiu: “Se você continuar chorando, a gente vai embora do parquinho”. O que aconteceu? A mãe não foi. A criança continuou chorando. Então, ela aprendeu que nem tudo que a minha mãe fala, acontece. Nem tudo o que a mamãe fala eu preciso obedecer.

Então, ela vai continuar chorando. Talvez, se a mãe fosse embora para casa, e, de fato, ela visse: “Caramba, de fato, a minha mãe vai embora mesmo”, se a mãe tivesse feito isso uma

vez, talvez ela nunca mais continuasse a chorar. Muitas vezes a gente fala determinadas coisas para os nossos filhos, fala: “Se você fizer isso, vai acontecer aquilo”, o aquilo não acontece. E a criança aprendeu que: “Bem, eu não preciso obedecer a minha mãe, e nem tudo que ela fala vai acontecer”.

Lá em casa, os meninos conseguem entender bem. Se eu falei, vai acontecer. Algumas vezes já aconteceram coisas bem difíceis com os meninos, que foi difícil para mim manter aquilo que eu falei. Mas o fato de eu ter mantido uma vez ajudou a que eles obedecessem a todas as outras. Todas as outras eles mantêm uma memória daquilo muito grande. E, muitas vezes, aconteceu com um, os outros vão ficar totalmente lembrando daquele fato, e vão ser obedientes por causa disso.

Como que a gente pode usar esse desejo de nos agradar? A gente pode usar de duas maneiras: de maneira passiva e ativa. De maneira passiva seria quando a gente tem esse olhar das coisas que a criança já está fazendo no dia a dia. Isso que eu falei antes, a criança já fala uma coisa boa ou ruim, você já pega aquilo ali, e você já tem esse olhar de alegria, “Parabéns”, abraço, carinho e tal; e um olhar ruim. Fala: “Não pode fazer isso. Isso é errado”. Não tão falando, mas fazendo com o seu olhar.

Uma coisa importante nessa parte do tentar agradar de forma passiva é na hora que a criança, tanto na passiva quanto na ativa, faz alguma coisa boa, não dê a ela uma recompensa material, pelo amor de Deus. Porque o que acontece? A criança faz uma coisa espontaneamente boa, e você fala: “Já que você fez uma coisa boa, você vai ganhar um sorvete”. Não! Você acabou de fazer uma coisa péssima, porque a gente quer que a criança queira o bem por si. O próprio ato dela ter feito uma coisa boa já traz a ela uma sensação boa. Já é assim.

Hoje, por exemplo, eu acabei de preparar essa aula. Isso, para mim, já foi uma sensação boa. Já estava pago o que eu deveria ter feito. Dentro de mim já estava: dever cumprido. Eu consegui fazer o que eu me propus a fazer. Isso é uma coisa maravilhosa em si. Na hora que a gente introduz uma coisa material, o que acontece? A gente acaba com aquilo. A criança vai ficar na expectativa de que você dê algo material para ela, e que não era isso que você queria. Você queria o bem pelo bem. Então, não façam isso.

Deixe que o bem seja o drive dela. Ela precisa se acostumar com isso. Ela tem uma sensação: “Caraca, eu fiz uma coisa boa”. E pronto. Já está. Não precisa de outra coisa.

Então, o ativo seria você lidar com essa coisa de alegria e tristeza, atos bons e ruins, nessa coisa de sorriso e tudo, de forma ativa. Então, de forma ativa seria de acordo com as regras que você impõe. Se você tem lá, se você precisa ter, eu sempre falo para vocês, poucas regras, que as regras sejam claras, que as regras estejam explícitas para a criança. Não tem como eu exigir obediência de uma coisa que ela nem sabe.

Se ela não sabe que ela deveria ter feito aquilo, como é que eu vou exigir obediência? Eu não posso querer que ela adivinhe. Então, eu preciso explicitar a ela. Então, você fala: “Samia, que regras são essas? O que eu preciso dizer para o meu filho?”. Começamos, e isso é para a criança pequena, de zero a três, quatro anos. Mas para as crianças maiores, mas que, muitas vezes, tem isso muito confuso, não adianta você querer colocar outras coisas se isso não está estabelecido. O que é isso? O sono, a alimentação, a higiene e a ordem. A criança precisa ter essas coisas totalmente ordenadas. Se isso está ordenado, o resto é fácil, porque ela já está no trilho que ela precisa nas coisas mais importantes.



O sono, eu preciso que ela durma na hora certa, no local certo, sozinha, a noite inteira, com as sonecas de acordo com a idade, pré-estabelecidas. Isso precisa estar firme para a criança. A alimentação, ela precisa comer de tudo, na hora certa, no local certo, da maneira certa, no final, com o garfo, da maneira certa, sem artifícios externos.

“Ah, Samia, você fala lá para a gente ler para a criança”. A leitura para a criança durante a alimentação não é um artifício externo. É totalmente diferente de televisão. O que acontece? Quando você coloca um dispositivo, a criança não sabe nem o que ela está comendo. A criança come de tudo, na hora que você coloca um dispositivo na frente dela. Ela não sabe o que ela está comendo. Quase que ela come sem nem perceber. Isso é muito ruim, porque ali você não está desenvolvendo a alimentação em si. Você é quase uma bomba infusora dando comida para a criança, e ela está ali no iPad. O cérebro dela não está focado naquilo.

Na hora que você quer que ela coma sem o dispositivo, ela não sabe nem o que ela come, é uma confusão; não sabe nem comer, porque você que dá a comida. O sono, a alimentação, a ordem, não só a ordem material. Às vezes a gente fala: “Fulano, guarda os brinquedos”. Ele não sabe onde os brinquedos precisam ser guardados. Parece uma coisa boba, mas não adianta. Imagina, mulher, acabou de trocar de roupa; tirou blusa, bota blusa, calça para lá, calça para cá. Aí a mãe chega e fala: “Agora arruma o seu quarto”. Cara, a gente não sabe nem por onde começar. É tanta bagunça que a gente não sabe nem por onde começar. É igual a criança. Ela tirou todos os brinquedos. Estão todos os brinquedos no chão. E aí a mãe fala: “Só sai do seu quarto com esse negócio arrumado”.

Se é uma criança sem hábito da ordem, a criança não vai conseguir. Ela vai ficar sentada no chão, chorando, e sem conseguir arrumar. Daí, o que acontece? A mãe abre a porta e fala: “Ainda não? Quantas vezes eu vou ter que dizer?”. Você espera que ela responda quantas vezes? Você vai ter que continuar, porque ela nem sabe por onde começar, entende? Então, isso é uma coisa muito importante.

Você precisa que a criança brinque com poucas coisas; que os brinquedos tenham o seu lugar, para ela conseguir fazer isso. E, nas crianças muito pequenas, você precisa ajudar que ela te ajude a guardar. Leva o pote: “Está aqui o potinho do Lego. Vamos guardar?”. E aí você vai, e ajuda a criança a guardar.

Quando o meu filho mais velho era pequeno, eu achava que isso era uma fraqueza; que se eu estivesse ajudando ele a guardar, se eu estivesse com um artifício: “Coloca só os verdes. E agora coloca os vermelhos”. Eu achava que ele não ia estar guardando por si; digo, eu ia estar ali ajudando e mediando. Mas isso não tem problema, porque numa criança pequena, o hábito da arrumação, da ordem, não está formado. Então, eu preciso ajuda-lo a que ele desenvolva esse hábito. Depois que esse hábito estiver desenvolvido, beleza. Ele vai conseguir fazer aquilo sozinho. E, de fato, consegue.

Posso garantir para vocês porque na minha casa é assim: a gente faz assim com os pequenos, e, logo depois, eles já passam a saber arrumar, a saber guardar; perde o medo de guardar aquela coisa. Rapidinho eles vão, arrumam, e está tudo resolvido. Não tenham medo de serem vocês essa vontade auxiliar, essa bengala para a criança, no início. Depois ela vai conseguir.

Além da ordem material, a gente precisa de uma ordem temporal. A criança precisa saber o que vem depois, porque quando ela sabe o que vem depois, isso traz uma segurança enorme para ela. Então, isso é importante para a obediência, é uma coisa que a gente chama de

gatilhos. Uma das coisas que a gente falou lá no início: “Eu falo todo dia a mesma coisa: ‘Fulano, vai escovar o dente! Fulano, não se o quê!’”. O que precisa acontecer? As crianças precisam ter gatilhos; que ela saiba o que vem depois.

A criança acordou, o que ela faz depois que ela acorda? Escova o dente. Depois que escova o dente? Troca de roupa. Depois que troca de roupa? Arruma a cama. Depois que arruma a cama? Vai tomar café. E, assim, ela vai criando gatilhos. Por exemplo, na hora que você fala: “A gente vai tomar banho”. Então, ela sabe que toda vez, antes de tomar banho, ela precisa arrumar os brinquedos. Os brinquedos precisam ser arrumados. Então, você fala para ela: “Meu filho, está chegando a hora do banho. O que a gente faz antes do banho?”. A criança vai responder: “Arruma os brinquedos”. “Então, está bom. Isso aí. A gente arruma os brinquedos antes de tomar banho”. Quando dá cinco minutos: “Meu filho, você tem cinco minutos. Daqui cinco minutos a gente vai tomar banho, ok? Você lembra o que a gente faz antes de tomar banho? Arrumar os brinquedos. Beleza”.

Aí você vai chegar e falar: “Chegou a hora do banho”. O que ela vai fazer? Ela vai arrumar os brinquedos. Enquanto ela for muito pequena você ajuda ela com a caixa: “Olha, aqui está a caixa”. E ela vai começar a colocar os brinquedos. Depois dali, ela já sabe que ela tem que tomar banho. Você não vai ter que ficar falando. Não vai ser uma novidade. Ela já sabe o que ela vai fazer depois. Então, ela vai sair dali, e ela vai tomar banho.

Quando esses gatilhos estão totalmente linkados na cabeça da criança, acontece aquilo que eu falei. A criança já sabe como a dinâmica funciona. Então, o número de birras, de desobediências, de “Eu não quero fazer” diminui, porque aquilo está totalmente automático para ela. É sempre assim. Eu não posso fazer diferente, entende?

Grandes problemas familiares acontecem por causa disso, por causa da criança não saber o que vem depois, e da mãe precisar ser esse gatilho. A gente não pode ser esse gatilho. Ela não pode fazer as coisas baseada na minha ordem. Ela tem que conseguir fazer as coisas baseada no gatilho que a gente criou para ela, para que ela saiba o que vem depois.

No início, a gente vai precisar dizer: “Está voltando da escola. Então, quando a gente chegar na escola, o que a gente faz? E, depois disso?”, e você fazer com que a criança faça. Não adianta a criança ter o schedule na cabeça, e na hora que chegar lá, você vai para o celular, você vai fazer outra coisa, e você não faz com que aquilo seja cumprido, entende? Porque aí cai naquele problema inicial: abre uma brecha, ela acha que ela pode não obedecer em determinado momento.

Uma outra dúvida que as pessoas tem é: a rotina, o hábito tem que ser sempre mantido? Quanto menor a criança, sim. Quanto menor a criança, mais difícil para ela é saber que aquele momento de sair do hábito, de saída da rotina, foi só um momento. Ela não consegue. Ela acha que abriu a possibilidade: “Talvez, amanhã, eu possa ter um dia igual eu tive agora”. E não pode ser assim.

Quando as crianças já são maiores, em que o hábito já está bem formado, ela já está muito tempo naquela rotina, você sai uma vez, e a criança volta e está tudo resolvido. Mas, quanto menor a criança, é menos indicado que isso aconteça. Então, aí você fica naquela: “Mas, poxa, uma criança dentro de um hábito muito assim, de uma rotina muito assim, acaba sendo uma criança chata; que eu acabo não conseguindo. Meu filho não consegue nem dormir fora do berço”.

Bem, isso aí é uma coisa que você tem que escolher. Na minha cabeça, qual é o maior número de vezes que você tem um dia organizado. Um dia organizado é muito mais, em número muito maior do que um dia que você sai da rotina. Então, é melhor que você mantenha uma coisa tranquila sempre, e a criança só não consiga dormir no berço um dia, do que você sempre tem uma rotina totalmente errática; a criança dorme meia noite, dorme não sei o quê lá, e tal. E isso causa vários problemas do que você manter o negócio firminho.

E, por último, é a higiene: a criança estar sempre de banho tomado, ela estar se sentindo bem, com uma roupa limpa, com uma roupa cheirosa, com os dentes escovados, cabelo penteado. Isso são hábitos que são importantes da criança desenvolver. Se você tem essas coisas bem cuidadas, o resto vai ficar mais fácil.

Outra coisa que é importante e que ajuda muito as crianças pequenas obedecerem, é fazer com que elas obedeçam a você quando elas estão alegres, tranquilas, brincando, e você dá pequenas orientações de obediência, do tipo: a criança está brincando com você, e aí você fala: “Ah, meu filho, vai lá no quarto e pega um sapato”; ou, então: “Agora a brincadeira é: você vai lá no quarto e vai pegar um sapato e um Lego”. Então, você está dando orientações, e a criança está te devolvendo com obediência. Mas ela não sente aquilo como uma obediência. Ela sente aquilo como uma brincadeira.

Na hora que você está se arrumando, você fala: “Filho, pega não sei o quê lá para a mamãe”. Então, ela está fazendo aquilo de forma totalmente espontânea, está ali brincando com você. E ela está desenvolvendo, mais uma vez, o hábito de ouvir uma orientação, e executar essa orientação. Isso você pode fazer com a criança desde bem pequenininha: “Pega o bloquinho azul, pega não sei o quê”. Você está dando uma orientação, e ela está devolvendo com obediência. Então, ela se acostuma a ouvir uma orientação sua, e responder com obediência. Só que como ela está em uma situação bem tranquila, ela está alegre, está feliz, aquilo é muito mais fácil de ser alcançado.

Quais são as grandes questões da obediência, que o pessoal também pergunta muito? Será que eu estou sendo autoritária, será que eu estou sendo permissiva? Isso é uma grande dúvida.

O que acontece? Por que acontece o autoritarismo e a permissividade? Porque os pais não estão com os filhos. Porque autoridade é uma junção entre exigência e carinho. Vocês viram aqui, ao longo de toda essa exposição, exatamente isso. A gente precisa exigir as coisas, exigir obediência, e, ao mesmo tempo, dar carinho, dar atenção, ser alguém que passa a ela segurança, ser alguém que passa para ela esse desejo de querer ser igual. Ela sente que o pai quer o melhor para ela. Mas, para isso, a gente precisa estar presente. Não tem jeito.

Aí você fala: “Ai, Samia, mas eu preciso trabalhar, e não sei o quê”. Eu não estou falando sobre isso. Porque, muitas vezes, a gente não trabalha fora, a gente está com os nossos filhos no final de semana, e a gente não está com eles. A gente não está com eles porque a gente está trabalhando, porque a gente está no celular, porque a gente está no videogame, a gente ou eles, porque a gente está passeando; porque tem uma pira na cabeça das pessoas que as pessoas precisam estar o tempo todo com as crianças fazendo alguma coisa: “Agora a gente vai no parquinho”, “Agora a gente vai no circo”, “Agora a gente vai no cinema”. A criança está sempre fazendo alguma coisa; ela está na escola, depois ela vai pro judô. Agora ela vai para o circo, agora ela vai para o teatro. Agora ela vai para não sei o quê lá.

Ela está sempre gastando a energia dela fazendo alguma coisa. Ela não tem um momento de tranquilidade, de viver uma vida tranquila, de ouvir orientações, de responder com obediência. Ela não tem ocasião para que essas duas coisas estejam juntas: exigência e carinho.

Então, o que acontece? Ou o pai cai no autoritarismo, ou cai na permissividade. O autoritarismo é aquele pai que quer fazer com que as coisas andem na linha: “Porque aqui nessa casa não tem desordem. Aqui, as coisas são organizadas. Aqui, você faz o que eu mando”. E, então, qual é o problema disso? O problema disso é que as regras não tem um caráter educativo. As regras, as normas, tudo o que se faz ali em relação à criança não tem um caráter educativo; tem um caráter de: “Faz o que eu mando”, de ordem pela ordem, de: “Obedeça porque eu quero que você obedeça”. Você impõe uma obediência.

E, com isso, a criança não desenvolve a própria vontade. Ela está ali fazendo só o que o pai manda, o tempo todo. Então, o pai é o gatilho: “Faz isso, faz aquilo. Se não fizer, vai acontecer não sei o quê lá”. Então, é só, de fato, o autoritarismo. Está muito ligado o autoritarismo a isso: a impaciência, a querer logo que aquele negócio acabe. “Vai tomar banho porque eu não aguento mais vocês por aqui”. Aí você vai, manda a criança, é ríspido. Então, não tem exigência com o carinho. Não o carinho no sentido de você ser mole, mas no sentido disso que a gente falou: de passar segurança, de fazer com que a criança consiga se desenvolver plenamente, desenvolva a sua vontade; que aquela orientação tenha uma orientação educativa.

Isso é um erro: eu já ouvi muito assim: “Criança não tem que querer”. Criança tem que querer sim. Ou seja, ela tem que querer, ela precisa querer “querer”. Ela precisa querer o bem. Ela precisa, com a sua vontade, com o seu querer, fazer o que é o melhor. E, por outro lado, a permissividade, que é, simplesmente, uma reação às coisas da criança.

Você não tem, também, uma orientação educativa. Você está ali pensando. Ela mostra uma coisa para você, e você reage. Ela não dorme bem à noite, e você reage, colocando ela para dormir na sua cama. Ela não come bem, e você reage: “Meu filho só come arroz e carne”. Entende? Você reage o tempo inteiro, e você pensa: “Ah, o meu filho é assim mesmo. Eu fui sorteado com um dos piores filhos, e fulaninho ganhou os melhores filhos”. A gente só cria a criança; a gente não educa a criança.

Quando a gente cai na permissividade quando a gente não tem claro o nosso papel como educador; o que a gente precisa fazer com a criança, onde a gente precisa chegar, quem é aquele meu filho. As regras, mais uma vez, não são estabelecidas para que a gente anule a criança. A gente sabe que é uma criança, que tem a sua individualidade. Aquela individualidade, com a regra, não vai deixar de existir. A gente só vai, mais uma vez, colocar o trilho dos bons hábitos, para que ela consiga desenvolver o resto mais facilmente.

Chegamos, aqui, à última parte da aula, que todo mundo pergunta muito: “Samia, tá. Mas você foi muito positiva, no sentido de: ‘O que eu tenho que fazer? Como eu faço para ele obedecer? Quais são os artifícios que eu posso usar, as regras?’”. Tudo bem, mas você não está partindo do princípio de que ele não me obedeça. Ele me olha como autoridade, mas, mesmo assim, não obedeça”. Verdade. Isso pode acontecer.

E aí o pessoal pergunta: “E o castigo?”. Quando eu imponho o castigo, que castigo eu vou impor? Até onde eu posso ir? Eu bato na criança? É um castigo? Eu só converso. Eu queria falar o seguinte. Essa é a principal pergunta que acontece, sobre o castigo: o que eu faço quando meu filho não obedece?

Quando há muito castigo, significa que o planejamento educativo, ou a educação desse planejamento educativo está ruim. O castigo é uma exceção. Como a gente viu aqui, eu preciso desenvolver o hábito da obediência, e esse princípio de obediência está na criança. E eu preciso, desde pequena, fazer com que ela desenvolva isso.

Agora, se, por acaso, ela não fizer, aquilo precisa ter consequências. Porque um hábito está relacionado à consequência, boa ou ruim. Isso é, de fato, se uma criança não estuda, qual a consequência disso? A consequência disso, real, é que ela vai ser uma pessoa que não vai ter instrução. Só que, obviamente, eu não vou deixar o negócio chegar aí. Eu não quero que o meu filho: “Então, você vai ver só. Quando você chegar lá no vestibular, o que vai acontecer com você”. Eu não posso deixar, porque eu não vou estar sendo uma boa mãe. Porque se eu sei que eu sou vontade auxiliar, se eu sei que eu sou responsável por ajudá-la a ver o bem, então, eu preciso ajudar que ela consiga enxergar isso, e consiga executar.

Eu preciso conseguir, de alguma maneira, criar uma consequência entre o ato dela, e o castigo, ou, então, ao prêmio da criança, uma consequência lógica. Essa consequência lógica não pode tipo isso: “Não estudei, eu vou mal no vestibular, não vou ser ninguém na vida”. Não pode ser assim, se não a gente não vai estar, de fato, ajudando a criança. A gente tem que encurtar isso, de alguma maneira.

Os castigos, as consequências, portanto, precisam ser lógicas. Se uma criança não comeu no tempo determinado na hora do jantar, qual pode ser uma consequência lógica? Ela vai ficar sem sobremesa. A ausência da sobremesa não pode ser para ela como um castigo simplesmente: “Não comeu, ficou sem sobremesa”. Não, ela tem que ser uma consequência lógica. “Você ficou sem sobremesa que tinha nesse dia porque você demorou muito tempo de comer. E, agora, já deu o horário. O horário do jantar já acabou”.

Assim como se ela terminou a tarefa que ela precisava ter feito, do dever de casa, antes do tempo que você determinou, ela pode ter um benefício. O benefício vai ser: “Você vai poder ficar mais tempo com a mamãe foi acordado”. Não porque você prolongou o tempo em que ela vai ficar acordado. Mas que, já que ela acabou antes, ela vai poder ficar mais tempo brincando; brincando com você, ouvindo uma história.

Isso é uma consequência lógica para a criança. O castigo, a consequência, deve ser relacionada, proporcional e educativa. Relacionada é isso: a gente não pode usar para tudo, o mesmo castigo. O que as pessoas fazem? Para tudo, o castigo é: tira televisão, tira o videogame, dá uma palmada. Não pode ser, porque você não está tendo relação de causa e efeito para a criança. Então, tudo é tudo. Está tudo dentro do mesmo saco. E não é a mesma coisa. As coisas tem hierarquias diferentes. A gente não pode tratar da mesma maneira.

Outro erro é que a gente não pode colocar como castigo é algo que eu quero que a criança tenha como um bem. Então, por exemplo: eu falei para ela desligar a televisão, e ela não desligou, então, o castigo vai ser: “Você vai estudar mais tempo. Você ia estudar uma hora. Hoje, você vai estudar uma hora e meia”. O estudo não pode ser um castigo, porque eu quero que ela veja o castigo como um bem.

Então, se eu coloco aquilo como um castigo, como uma coisa ruim, ela não vai ver o estudo como uma coisa boa. Então, o castigo também não pode ir contra um hábito que eu quero desenvolver. Então, se a criança desobedeceu, castigo vai ser: “Você vai ficar sem janta hoje”. Não pode, porque eu quero que o hábito dela almoçar, jantar, isso faz parte, como a gente viu, de um dos hábitos alicerces. Se eu tiro isso, se a criança não come, pronto. Ela vai ficar com

fome, ela vai ficar irritada. E ela não vai conseguir fazer todo o resto. Vai ser um motivo de birra, por causa de um desajuste no alicerce. Não pode ser assim.

O castigo deve ser proporcional. Então, comer o bombom da geladeira quando ela não podia comer, e cuspir na cara da avó, por exemplo, são coisas completamente diferentes, que tem gravidades completamente diferentes. A criança não pode ter o mesmo castigo, porque ela precisa ver a proporcionalidade da ação dela. E, além disso, a gente precisa tentar que o castigo tenha um caráter educativo; que a consequência tenha, de fato, um caráter educativo. Então, tirar o videogame tem o caráter educativo no sentido de que você está mostrando para ela que aquilo é um bem.

Ter um videogame é um bem. E não é isso que a gente precisa querer mostrar. Videogame não é um bem, nunca, entende? Então, ele não pode ser o motivo, a matéria do castigo, porque não vai ajudar em nada. Ela só vai achar: “Putz, aquela coisa que eu queria tanto a minha mãe tirou. Aquilo que, de fato, é uma coisa boa, porque é uma coisa boa, a minha mãe está me tirando, porque eu fiz uma coisa que não foi boa”. Então, não pode ser assim.

Tem que ter o caráter educativo no sentido de: vai perder o convívio com a família momentaneamente. Então, fez alguma coisa específica? “Agora, você vai para o seu quarto. Não vai poder ficar com a gente. A gente está tendo um super momento aqui, em família, porque você agiu mal; porque você bateu no irmão, porque você gritou”. Se ele machucou o irmão, um castigo com caráter educativo nem sempre é você tirar o convívio. Às vezes, pode ser; às vezes, não. E nem tirar o videogame. Às vezes, o caráter educativo é: “Vai lá e olha o seu irmão como ele está. Vê o que aconteceu. Pergunta para ele como se está tudo bem. Você vai ficar aí cinco minutos fazendo carinho no seu irmão”. Então, isso é um caráter educativo. Se ele machucou, ele precisa conseguir reparar; reparar com a atenção dele, com o carinho dele, pegando o gelo”. Ele precisa conseguir fazer alguma coisa.

Não adianta a gente fazer por ele, e ele ir para lá, ler, fazer qualquer coisa, assistir televisão; ou, então, ficar deitado lá sozinho, entende? Não dá. A gente precisa conseguir que a criança consiga agir.

Para eu aplicar os castigos, para eu ter uma lista de castigos, que é importante eu ter: “Vai acontecer isso; se isso acontecer, vai acontecer aquilo”, porque as crianças sempre fazem as mesmas coisas: as crianças batem no irmão, não quer comer, a gente tem que pensar previamente. “Ah, se isso acontecer, eu vou fazer assim. Se acontecer, eu vou fazer assado”. Porque, aí, aquilo não nos pega de surpresa, e a gente não dá um castigo maluco, tipo: ficou três semanas sem não sei o quê. Aí a gente fala: “Caraca, eu dei um castigo totalmente errado, e agora a Samia falou que eu tenho que fazer o que eu falei. Ferrou. Vai ficar 3 semanas. Não vai dar certo”. Então, eu preciso pensar no castigo antes, para eu poder conseguir aplicar o castigo; pensar, inclusive, em castigos absurdos.

E aí é sempre a pergunta: a palmada vale ou não vale? Se você acha que ela vai ter o caráter educativo, se for uma coisa muito grave, se você acha que não tem outra maneira, se você não está irritado. Porque o problema é que normalmente o pessoal pega a palmada e bate por qualquer motivo, bate sem proporção, independente do que seja; bate mais porque está irritado, e para extravasar uma irritação própria do que para educar a criança. Então, nesses casos ela é muito ruim, porque ela não tem esse caráter educativo. Você simplesmente está fazendo porque encheu o saco. E não pode ser. Você tem que pensar nas coisas.

E, por último: não ficar com pena da criança de cumprir o castigo que você propôs, porque a criança vai chorar, vai ficar triste. Tenta não fazer permuta de castigo, tenta não desautorizar o marido ou a esposa, porque isso tudo vai tirando a visão de autoridade que as crianças tem do pai e da mãe. Não pode ser assim.

Então, é isso: a criança precisa obedecer mesmo, imediatamente. Faça, cumpra o que você está dizendo.

Eu vou dar um pequeno resumo para a gente acabar sobre a obediência.

Primeiro: garantir que os quatro hábitos básicos estão firmes; sono, alimentação, higiene e ordem. Garantir que isso esteja firme, porque isso vai ser a base de uma paz que vocês não têm noção. Se isso está garantido, o resto fica muito mais fácil. Garantir esses hábitos.

Mandar na hora certa. Não esqueçam. Se a criança não vai poder te obedecer naquela hora, porque ela está no meio do jogo da imagem e ação, está maior eletrizante, tu chega lá e fala: “Vai tomar banho”, ela não vai. Ela não vai, e você vai perder a sua autoridade. Não faça isso. Espera a rodada, ou, então, avisa: “A rodada vai acabar. Quando a rodada acabar, você vai para o banho”. Entende? Dá uma orientação que ela consiga cumprir, porque, se não, vai dificultar a coisa. Tu vai ter que enxotando ela para dentro do banheiro. Aí não dá.

Não propor coisas além das suas capacidades. Então, é isso que eu falava: está tudo jogado no chão, um monte de brinquedo. Você chega para uma criança de 2 anos, e fala: “Agora vai lá. Você arruma”. A criança não vai conseguir arrumar, vai ficar chorando. E aí vai ser aquela confusão. Você vai querer mandar para lá arrumar. Ela não vai arrumar. Você não quer ajudar, porque você quer que ela arrume. Então, não pode. Se o hábito não está formado, você tem que ser a vontade auxiliar. Vai lá você, pega o pote, fala: “Agora, aqui, você vai colocar os Legos. Aqui, vamos colocar os carrinhos”. Ajuda ela, começa você a arrumar. Vai ter que ser assim. Depois, isso vai melhorar. Isso é uma bengala inicial. A gente só pode exigir o cumprimento daquilo que a criança sabe fazer. Não adianta: “Vai tomar o seu banho”. Não faça isso, se ela não sabe fazer. Você tem que garantir que ela sabe fazer aquilo que você está mandando.

Outro ponto: não apenas mande que ela faça algo. Ajude-a a cumprir. Então, quanto menor a criança, mais você vai ter que ajudá-la a que ela consiga cumprir. Exija da criança o cumprimento daquilo. Não fale e deixe para lá. Vai lá e faz você, com ela. Então, ela saiu do judô, ela precisa tirar a roupa dela do judô, não adianta falar: “João, pega e tira a sua roupa do judô”. Você falou lá da Cochinchina. Mandou tirar a roupa do judô, e ficou lá conversando com as suas amigas. Vai dar ruim, porque ele não vai obedecer a você imediatamente. Você está falando de outro lugar. Não vai dar certo.

Você tem que ir lá: “João, então, vamos. Quando a gente sai do judô, o que a gente faz? A gente tira a roupa do judô. Então, estou esperando”. Tira a roupa, não sei o quê lá. Espera que aquilo aconteça, até aquilo se transformar em um hábito. É isso que eu falava. Não exigir as ordens de longe. Da cozinha, eu não mando ele tomar banho, porque ele não vai tomar. E o que ele vai estar aprendendo com isso? A minha mãe pode mandar e eu não preciso obedecer. Veja se, de fato, a criança captou a sua ordem.

Quando você disser “não” por algum motivo, retira a criança, principalmente as crianças pequenas, de perto do motivo do não. “Filho, não pode mexer na água”. Aí você continua deixando a água dali. Você vai falar: “Não pode mexer na água”. Pega a água, e bota em outro lugar inacessível. Para que você vai ficar ali, fazendo a criança conversar com a tentação? Não

façam isso. Isso é uma grande chance dela te desobedecer. E aí você vai ter que lançar mão do castigo. Então, não faça isso.

Quando você disser “não”, “Não pode ver televisão”, propõe algo no lugar: “Você não pode ver televisão, mas você pode brincar com o xadrez; brincar de cara a cara com o seu irmão; você pode ler um livro”. Você tem que propor alguma coisa no lugar. Não adianta você dizer não, e a criança não tem mais o que fazer. Você precisa ajudar que ela consiga fazer alguma coisa, então, que seja boa.

Não dê as ordens gritando. Fala com calma, com clareza. Explica o que você quer da criança. Explica com clareza. “Filho, eu preciso que você tome banho agora”. Você precisa dizer claramente: “Eu preciso que você tome banho agora. Você vai lá agora tomar o seu banho”. Não é: “Vá tomar banho”. Se você se descabelar, você já perdeu a sua autoridade de primeira, como a gente falava lá no início. A criança já pensa: “Essa daí não sabe nem o que está fazendo”.

Criar os gatilhos da previsibilidade, que vem com uma coisa após a outra, para você não precisar ficar falando com a criança. Ela já sabe o que vem depois. Você dá uma orientação inicial, de tipo: ela está brincando, e você vai dar a orientação inicial. “Daqui a pouco a gente vai tomar banho. O que a gente faz antes do banho?”. Daí você já criou o gatilho. E você vai falar: “Vamos para o banho”. A criança vai arrumar, e, depois, ela vai para o banho.

Garantir que a ordem seja cumprida imediatamente. Não deixa a criança enrolar. Deu a ordem, faz com que ela cumpra na hora. Se você deu a ordem, e ela não cumpriu, se levanta de onde você está, e vai exigir que aquilo seja cumprido naquela hora.

Outro ponto: tenha as consequências pré-definidas, para você saber o que fazer na hora que a criança descumprir. Porque, na hora que ela descumprir, você já vai saber o que fazer; você não vai ficar desesperada; você não vai perder a sua paz, porque você já sabe, já pensou naquilo antes que castigo é adequado para aquela criança. Muitas vezes, os castigos vão ser diversos para um filho e outro, dependendo da criança. Eu preciso observar a criança, e ver para ver o que é a melhor coisa.

E, por último: escolha as brigas que você quer comprar. Não adianta você tudo ficar mandando, tudo você ficar exigindo, você ficar falando sobre tudo no ouvido da criança. Não fica fazendo isso, porque, se não, começa a ser ruído branco: “Toda hora minha mãe fala uma coisa”. Não pode ser assim. fale o estritamente necessário ao motorista. Vai lá, fale o que você precisa falar. E o resto, deixa. Nem sempre você precisa ficar brigando por tudo. Tem coisas que pode ser de uma maneira, pode ser de outra. Certo?

Então, é isso. Essa foi a nossa aula. Eu espero que tenha sido super prática para vocês. Tentei ser o máximo prática possível, ao mesmo tempo, dando alguns fundamentos, para não ficar só: “Faz assim, faz assado”. E, infelizmente, não vou conseguir responder as perguntas aqui. Bem que eu gostaria. Eu não vou conseguir. Então, a gente pode ir se falando. Nos falamos lá pelo Instagram.

Gostei muito de vocês estarem aqui comigo. Foi ótimo. Espero que vocês tenham aproveitado bastante. Beijo grande. Tchau tchau!